

ANÁLISE DO ETHOS DA PERSONAGEM
“SÉRGIO PARANHOS FLEURY” A PARTIR DO
CAPÍTULO “A ABERTURA”, DO ROMANCE
K – RELATO DE UMA BUSCA, DE
BERNARDO KUCINSKI

6

“ETHOS’ ANALYSIS OF THE CHARACTER
“SÉRGIO PARANHOS LEURY” FROM THE
CHAPTER “A ABERTURA”, FROM THE
NOVEL K – RELATO DE UMA BUSCA,
WRITTEN BY BERNARDO KUCINSKI

ARCHANJO, Rafael Menari

Mestre em Linguística pela Universidade de Franca (UNIFRAN). Doutorando em Linguística pela mesma Instituição (Bolsista PROSUP/CAPES - Processo 88882.367308/2019-1).

E-mail: rafael.archanjo.cpic@gmail.com

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-5745-1847>

BERALDO, Camila de Araújo

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). Docente e vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística (Mestrado e Doutorado) da Universidade de Franca (UNIFRAN).

E-mail: camila.ludovice@unifran.edu.br

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5998-7597>

PUGINA, Rosana Leticia

Doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP).

E-mail: professora-rosana@live.com

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-0917-0922>

RESUMO

Por meio do presente trabalho, temos como objetivo apresentar uma análise do capítulo “A Abertura”, do romance *K – Relato de uma Busca* (2016), de autoria de Bernardo Kucinski, a partir da aplicação do conceito de *ethos* trabalhado por Dominique Maingueneau (2006), contando ainda com outros aportes, como Bakhtin e Voloshinov (2006) e Mazière (2007). Levando em consideração a ancoragem ao contexto histórico, contaremos também com as produções de Souza (2001), Bicudo (2002), Gaspari (2004), Guerra (2012), Godoy (2014), Brasil (2014; 2017), Manso (2020), Napolitano (2020), dentre outras.

A abordagem insere-se no campo dos estudos da análise do discurso francesa e se estrutura por meio de revisão bibliográfica em observação qualitativa, de investigação em perspectiva descritivo-analítica. A recente corrente revisionista que busca negar ou opacificar as graves violações de Direitos Humanos ocorridas durante a Ditadura Civil-Militar (1964-1985) ou ainda atribuí-las às vítimas da violência do Estado, além do crescente número de obras ficcionais e estudos sobre o período e sobre a obra em tela, justificam a importância da investigação proposta.

Palavras-chave: Ethos. Análise do Discurso. K – Relato de uma Busca. Ditadura Civil-Militar (1964-1985). Sérgio Paranhos Fleury.

ABSTRACT

Through this work, we aim to present an analysis of the chapter “A Abertura”, from the novel *K – Relato de uma Busca* (2016), written by Bernardo Kucinski, based on the application of the concept of *ethos* worked by Dominique Maingueneau (2006), with other contributions, such as Bakhtin and Voloshinov (2006) and Mazière (2007). Thus, taking into account the anchoring to the historical context, we will also rely on the productions of Souza (2001), Bicudo (2002), Gaspari (2004), Guerra (2012), Godoy (2014), Brasil (2014; 2017), Manso (2020), Napolitano (2020), among others. The approach of this work is inserted in the field of French discourse analysis studies, and is structured through a bibliographical review in qualitative research observation within a descriptive-analytical perspective. Consequently, the recent revisionist current that seeks to deny or hide the serious violations of Human Rights that occurred during the Brazilian Civil-Military Dictatorship (1964-1985), or even attribute them to victims of State violence, in addition to the growing number of fictional works and studies on the period and on the work on screen, justify the importance of this proposed investigation.

Keywords: Ethos. Discourse analysis. K – Relato de uma Busca. Brazilian Civil-Military Dictatorship (1964-1985). Sergio Paranhos Fleury.

INTRODUÇÃO

Acho importante não só a resposta, mas a constante interrogação: o que podemos lembrar? Temos direito a esquecer? A literatura funciona como arquivo vivo de memórias, de denúncias ou é apenas consolação

de poucos? Consolação individual? A lógica da página virada implica apenas pacificação como curtição? O que aprendemos com a ditadura militar e com suas memórias?

Vincenzo Russo (2020, [n.p.])

Com a ascensão da direita ultraconservadora ao poder – com destaque para a eleição do ex-deputado Jair Bolsonaro à Presidência da República – e a aplicação contínua de estratégias de revisionismo sobre um dos períodos mais violentos da história brasileira, a saber, a Ditadura Civil-Militar (1964-1985), citando Sellingmann-Silva (2019), a permanência da violência estrutural na sociedade brasileira (GINZBURG, 2012; SCHWARZ, 2019), os ataques sintomáticos à liberdade do pensamento crítico e de cátedra (DALCASTAGNÈ, 2020), dentre outros sinais, aquece-se a “guerra de narrativas” (NAPOLITANO, 2020) sobre o contexto citado. Nessa seara axiológica em que os discursos se antagonizam em contínua tensão, é coerente recuperarmos o conceito de Bakhtin e Voloshinov (2000, p. 67) acerca da enunciação como “arena de vozes”, “[...] onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória”. Na mesma esfera de discussão, depreendemos ainda de Bakhtin e Voloshinov (2006, p. 47-48) que,

Consequentemente, em todo signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditórios. O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes. Esta pluralidade social do signo ideológico é um traço da maior importância. Na verdade, é este entrecruzamento dos índices de valor que torna o signo vivo e móvel, capaz de evoluir. O signo, se subtraído às tensões da luta social, se posto à margem da luta de classes, irá infalivelmente debilitar-se, degenerará em alegoria, tornar-se-á objeto de estudo dos filólogos e não será mais um instrumento racional e vivo para a sociedade.

Ao negar o saber sistematizado da ciência, à medida em que reanimam discursos já bem conhecidos sobre a cultura brasileira, como o do “perigo comunista”, as vozes dos antigos algozes são recuperadas dialogicamente nos dias atuais, buscando construir uma atmosfera eufêmica sobre as violações de Direitos Humanos para reforçar o efeito de “amnésia” e relativo “apagamento” das vítimas insepultas. Marcos Napolitano (2020), no texto “Desafios para a História nas Encruzilhadas

da Memória: Entre Traumas e Tabus”, classifica seis campos de memória sobre o período, indicando, como “[...] alvo mais direto do negacionismo da extrema direita”, a “[...] memória socialmente restrita dos familiares de mortos e desaparecidos” (NAPOLITANO, 2020, p. 37-38).

Por essas e outras questões, o trauma de um período ainda recente e nebuloso continua não superado (TELLES; SAFATLE, 2010) e, de alguma forma, explica a quantidade significativa de dissertações, teses e artigos sobre o tema produzida recentemente. Igualmente ocorre uma intensa produção ficcional sobre o período – parte dela elaborada por vítimas diretas das “políticas de Estado” da época –, parte dela não vinculada diretamente ao contexto (FIGUEIREDO, 2019). No primeiro caso, insere-se o jornalista Bernardo Kucinski, autor da obra cujo capítulo será analisado aqui.

Em essência, a Análise de Discurso (AD) “[...] nos ensina [...] como um discurso pode ser construído para satisfazer diversas especificações” (HARRIS, 1952, [n. p.] apud MAZIÉRE, 2007, p. 7). Nessa confluência, Maziére (2007, p. 13) aponta que “Ela [a AD] não separa o enunciado nem de sua estrutura linguística, nem de suas condições de produção, de suas condições históricas e políticas, nem das interações subjetivas”. É nessa direção que objetivamos analisar a constituição do *ethos* do personagem Sérgio Paranhos Fleury, no episódio “A Abertura”, que integra a obra *K – Relato de uma Busca*, do professor e escritor Bernardo Kucinski. Para tanto, a reflexão terá como aporte teórico os postulados de Dominique Maingueneau sobre o conceito de *ethos*, trabalhado no capítulo “O Ethos”, pertencente à obra *Discurso Literário* (2006), bem como os estudos de outros autores, como Bakhtin e Voloshinov (2006), Souza (2001), Bicudo (2002), Gaspari (2004), Guerra (2012), Godoy (2014), Brasil (2014; 2017), Napolitano (2020), Manso (2020), dentre outros, além daqueles já citados no início desta “seção”.

Metodologicamente, a escolha da obra, da qual nos propomos a analisar somente um capítulo, deu-se em razão de sua recepção pela crítica especializada de estudiosos da relação entre “literatura” e “violência” no Brasil, em especial, sobre as graves violações de Direitos Humanos cometidas pela Ditadura Civil-Militar (1964-1985) – algumas delas documentadas pela Comissão Nacional da Verdade – CNV (BRASIL, 2014). Dentre as obras, destacamos o volume *A Literatura como Arquivo da Ditadura Brasileira* (2017), de Eurídice Figueiredo, e *Literatura e Ditadura* (2020), que conta com a organização de Rejane Pivetta de Oliveira e Paulo C. Thomaz. Destacamos ainda o artigo intitulado *Imagens Precárias: Inscrições Tênuas de Violência Ditatorial*

no Brasil (2020), de Márcio Selingmann-Silva, e *Literatura e Resistência no Brasil Hoje* (2020), de Regina Dalcastagnè. Por fim, ainda no que se refere à metodologia adotada, acresce registrar que, para o exercício de reflexão, valemo-nos da revisão bibliográfica com análise qualitativa e investigação em perspectiva descritivo-analítica.

DESENVOLVIMENTO

Conto ao senhor é o que eu sei e o senhor não sabe; mas principal quero contar é o que eu não sei se sei, e que pode ser que o senhor saiba.

Guimarães Rosa (1994, p. 318)

Em sua origem no campo dos estudos da “Retórica”, a partir da abordagem de Aristóteles, o conceito de *ethos* que, juntamente ao *logos* e ao *páthos*, forma o “tripé retórico”, está estritamente ligado à confiabilidade que se estabelece a um determinado discurso em razão da credibilidade que o destinatário (auditório) atribui ao “orador”. Contudo, Maingueneau (2006) aprofunda a discussão sobre o conceito, refletindo sobre o “*ethos* discursivo”, ao afirmar que o “[...] o *ethos* está crucialmente ligado ao ato da enunciação” (MAINGUENEAU, 2006, p. 269) e “[...] não a um saber extradiscursivo sobre o locutor” (MAINGUENEAU, 2006, p. 267). Dessa maneira, conforme o autor,

Por mais que esteja ligado ao locutor na medida que este se acha na origem da enunciação, é a partir de dentro que o *ethos* caracteriza esse locutor. Com efeito, o destinatário atribui a um locutor inscrito no mundo extradiscursivo características que são na realidade intradiscursivas, porque estão associadas a um modo de dizer. (MAINGUENEAU, 2006, p. 268, destaque do autor).

Assim, o delineamento de uma imagem acerca do auditório ocorre graças a uma corporalidade, portanto, a “uma maneira de ser”, que é estabelecida por meio de “uma maneira de dizer” (MAINGUENEAU, 2006, p. 94). Para isso, o discurso – que é associado a uma “voz” ou a um “tom” – acaba por “habitar” a enunciação do material linguístico, gerando a discursividade inerente a uma determinada cena da enunciação. Desse modo, há a constituição de uma condição de incorporação dos destinatários a certo mundo *ético*, o que resulta na adesão de um grupo de adeptos daquele discurso. É preciso ressaltar

que, apesar de não ter postulado de forma direta a ligação entre *ethos* e cenografia, outras questões se fazem relevantes, como as representações sociais, os posicionamentos do sujeito e o saber pré-discursivo.

Em vista do exposto, claramente, a análise de Maingueneau (2006) privilegia a observação “intradiscursiva”, diferentemente da reflexão aristotélica – mais próxima da “realidade extradiscursiva”. Na perspectiva do pesquisador,

[...] todo texto escrito, ainda que a negue, possui uma *vocalidade* específica que permite remetê-lo a uma caracterização do corpo do enunciador (e não, está claro, do corpo do locutor extradiscursivo), a um *fiador* que, por meio de seu *tom*, atesta o que é dito; o termo “tom” tem a vantagem de valer tanto para o escrito como para o oral. Isso significa que optamos por uma concepção primordialmente “encarnada” do *ethos*, que, dessa perspectiva, abrange não apenas a dimensão verbal, mas igualmente o conjunto de determinações físicas e psíquicas vinculadas ao “fiador” pelas representações coletivas. Este vê atribuídos a si um caráter e uma corporalidade cujo grau de precisão varia de acordo com o texto. O “caráter” corresponde a um conjunto de características psicológicas. (MAINGUENEAU, 2006, p. 271-272, destaques do autor).

Maingueneau (2006), portanto, remete à construção do *ethos* a partir do *logos*, ou seja, por meio da construção discursiva que tem sua voz fiadora na narração. Nessa perspectiva, o discurso acaba por ser “[...] uma instância subjetiva encarnada que exerce o papel de fiador” (MAINGUENEAU, 2008, p. 72). Nesse contexto, o leitor-enunciatário, embora autônomo, está sujeito a lidar com as artimanhas da linguagem que, no caso do tecido textual de um romance, corpus de nossa análise, estrutura-se a partir daquilo que Ezra Pond (2006) chama de “plurissignificação”. De qualquer forma, na percepção de Maingueneau (2006), é pelo material discursivo que o *ethos* é formado em sua “corporalidade”, com seu “mundo ético” e seu desenho psicológico, o que pode corroborar ou não com os valores do leitor, o qual estabelecerá – ainda que na literatura –, sem compromisso com a verdade factual, julgamentos – considerando sua visão de mundo.

Após o exposto, passemos à apresentação do *corpus*. O romance *K – Relato de uma Busca* teve sua primeira edição lançada em 2011, sendo

o livro ficcional de estreia do autor. Em síntese, a obra apresenta a história do escritor Majer Kucinski, o personagem “K” que dá título ao livro, em busca de sua filha Ana Rosa Kucinski, Professora do Departamento de Química da Universidade de São Paulo (USP), torturada e morta pela Ditadura Civil-Militar ocorrida no Brasil de 1964 a 1985 (GUERRA, 2012; BRASIL, 2014). A autoria é do escritor e cientista político paulistano Bernardo Kucinski, irmão de Ana Rosa. Transitando entre os gêneros da “ficção”, da “auto ficção” e do “relato histórico”, a obra apresenta estrutura episódica, com capítulos quase interdependentes. Ademais, a obra joga com a transição do foco narrativo, dando voz e vez a várias personagens, parte delas formada por personagens históricas que tiveram relação direta ou indireta com o desaparecimento da irmã do autor

O episódio “A Abertura”, do romance *K – Relato de uma Busca*, apresenta a personagem Sérgio Paranhos Fleury, delegado do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), de São Paulo, no período de 1968 a 1975, sendo conhecido como notável torturador da chamada Operação Bandeirantes (OBAN), um dos principais símbolos da violência do regime e a maior liderança do chamado “Esquadrão da Morte” local (SOUZA, 2001; BICUDO, 2002; GODOY, 2014; BRASIL, 2014; BRASIL, 2017; MANSO, 2020).

O episódio de oito páginas é dividido em 12 recortes discursivos, de apenas um parágrafo cada, os quais denunciam partes da violência do período, especialmente aquelas perpetradas pela personagem nominada acima, e sua preocupação com a chamada “abertura política” que estava sendo preparada pelo presidente Ernesto Geisel, pelo chefe do Gabinete Civil, Golbery do Couto e Silva, e por outros militares não integrados à chamada “linha dura” (GASPARI, 2004; BRASIL, 2014; BRASIL, 2017):

I

Mineirinho, traz o Fogaça lá da carceragem, vou dar um servicinho pra esse malandro, depois solto ele. Diga pra custódia que ele vai sair. Manda ele se arrumar, pegar as coisas dele. Esses filhos da puta pensam que eu tenho medo de figurão. Não tenho medo de figurão porra nenhuma. Pode ser esse canalha do Golbery que agora quer dar uma de bacana, pode ser o presidente da República, pode ser o papa, pode ser esse senador americano de merda, eu estou é cagando para eles todos. Me deram carta branca, que era para acabar com os comunistas, não deram? Acabei com eles, não acabei? Então que não encham o saco. E daí

que o velho falou com esse senador, que entregou carta, que tão pressionando – vão pressionar na puta que o pariu. (KUCINSKI, 2016, p. 65-66).

O primeiro fragmento do episódio oferece ao leitor uma apresentação inicial da “cena de enunciação” e do *ethos* do enunciador. Estruturado por meio de um foco narrativo em primeira pessoa, tem-se como fiador a personagem Sérgio Paranhos Fleury¹, que se dirige a dois enunciatários chamados de “Mineirinho” (agente da repressão) e “Fogaça” (preso). O estilo direto, assinalado por períodos curtos, e o emprego quase inexistente das conjunções buscam representar o ritmo fragmentário da fala, o qual é acentuado pelo tom nervoso e linguageiro que permite, logo de início, uma percepção acerca do perfil do enunciador; como postulado por Maingueneau (2006, p. 272, destaque do autor): “A enunciação da obra confere uma ‘corporalidade’ ao fiador, dá-lhe um corpo”. Já o corpo insepulto da personagem histórica Ana Kucinski é evidenciado pelo substantivo “filha”.

Apesar de articular-se estritamente em discurso direto, o capítulo se materializa em tom monológico, uma vez que não há réplica das personagens “Mineirinho” e “Fogaça”. O discurso em primeira pessoa, no qual é evidente o uso extensivo de vocabulário de baixo calão, assinala a indiferença da personagem em análise com relação aos “valores humanitários” que nos distanciam da barbárie. A enunciação revela ainda sua atuação sem nenhuma jurisdição, acima da lei e de qualquer instância legal. Tais traços são desvelados por meio do discurso para que haja o delineamento do *ethos* de Sérgio Paranhos Fleury. De acordo com Maingueneau (2006, p. 278, destaques do autor), “Não se poderia, portanto, estabelecer uma separação entre o *ethos* e o código de linguagem próprio a uma posição no campo literário. O código de linguagem só é eficiente quando associado ao *ethos* que lhe corresponde”.

O material discursivo estruturado em um código de linguagem peculiar e a sugestão de uma autoconfissão sobre assassinatos autorizados pelo Estado (“*Me deram carta branca, que era para acabar com os comunistas, não deram? Acabei com eles, não acabei?*”) tendem a criar um conflito ético entre o mundo da personagem – construída pela cena de enunciação – e os valores éticos do leitor. O comportamento

1. Cabe ressaltar que a cena construída a partir do fazer enunciativo da personagem Sérgio Paranhos Fleury problematiza também a resistência dos participantes da chamada “linha dura” à possível abertura “democrática” que se desenhava gradativamente na época.

agressivo da personagem, aos poucos, desvela-se em outros fragmentos da narrativa, evidenciando uma postura autoritária e manipuladora:

II

Fogaça, senta aí. Senta aí, porra. Escuta bem – tá tremendo por quê? Para de tremer, porra. Você vai fazer um servicinho. Se fizer direito, te solto. Entendeu? Você vai pegar esse telefone que está aí e eu vou te dar um número, vai atender um filho da puta dum velho e você vai dizer a ele o teu nome, pode dizer o teu nome mesmo, diz que você acaba de ser solto do DOPS e que viu a filha dele aqui. O velho vai ficar doidão, vai dar um pulo, fazer um monte de perguntas, como está a filha, você não fala nada, só diz que viu ela, que ela que deu o telefone. Ele vai querer ver você, vai perguntar onde você está. A jogada é esta: você fala que está na rodoviária do lado do DOPS, que está telefonando da rodoviária, que está indo embora. Que só tem dinheiro pro ônibus, que vai para Tatuí, que a tua família é de Tatuí, o velho vai insistir pra te ver, você diz que não dá, que tem que ir embora, aí ele diz pra você pegar um táxi até a casa dele que ele paga o táxi ou que ele vem te pegar. Faça ele vir te pegar. Diga que você espera em frente à farmácia encostada na rodoviária. Mas para ele vir logo. Pergunta como é o carro dele. Entendeu tudo, seu puto? Trate de fazer direito que eu solto você. Se cagar no pau, volta pro xadrez, te ponho na solitária. Mineirinho, disque o número e passe pra ele. O elemento tá tremendo tanto que nem consegue segurar um telefone. (KUCINSKI, 2016, p. 66).

No mesmo fragmento, é possível identificar outros elementos que corporificam o *ethos* do enunciador, como a crueldade ao fabular a situação de que a filha da personagem “K” (“velho”) estaria viva. Aos poucos, as pistas enunciativas sublinham a brutalidade de Sérgio Paranhos Fleury (“*Se cagar no pau, volta pro xadrez, te ponho na solitária*”), capaz de causar medo aos prisioneiros (“*O elemento tá tremendo tanto que nem consegue segurar um telefone.*”), além da corrupção de sua atuação e do próprio Estado (“*Trate de fazer direito que eu solto você*”), que vão tomando ares de gradação nos fragmentos seguintes:

III

Mineirinho, você viu como deu certo o lance com o Fogaça? Só que não é nada do que você está pensando, Mineirinho. O velho não veio porque acreditou, Mineirinho. Esse velho é esperto. Ele veio porque tinha que vir. Ele tinha que vir, entendeu? Mineirinho, aí é que está o truque, a psicologia. Ele tinha que vir, mesmo não acreditando. E sabe por quê? Porque se ele está correndo atrás desses figurões, mesmo depois desse tempo todo, é porque não quer aceitar que a filha já era. Se recusa. Daí se agarra em qualquer coisa, mesmo sabendo que é armação. Não pode deixar de ir, de tentar. Sabe de uma coisa, Mineirinho, foi uma puta ideia essa que eu tive. (KUCINSKI, 2016, p. 67).

IV

Mineirinho, lembra do velho que nós fodemos mandando o Fogaça inventar que viu a filha dele? Pois não é que o velho não desiste? Vamos ter que ser mais espertos. Pega aí o endereço dele pra mim, enquanto eu ligo pro Rocha, lá em Lisboa. São três horas de diferença, ainda dá tempo. (KUCINSKI, 2016, p. 67).

V

É do consulado? Me chamem o Rocha, por favor, digam que é o Fleury. E aí, Rocha? Tudo bem? Preciso que você faça o seguinte. Pegue aí uns folhetos desses capitães aí da tal Revolução dos Cravos, dessa palhaçada, e mande pelo correio para o endereço que o Mineirinho vai te passar. Faça um pacote e mande, via aérea, não escreva nada. Só o endereço e o remetente. O remetente você vai escrever à mão, como se fosse de uma moça. Mineirinho, passe ao Rocha o endereço do velho e o nome completo da subversiva. Esse velho vai ficar doidão de novo. Filho da puta. Se não tivessem mandado parar tudo eu matava um desses velhos só pros outros pararem de encher o saco. Matava ele ou aquela grã-fina filha da puta da Zuzu² que

2. “A luta contra a impunidade aos torturadores e assassinos de militantes políticos teve seu momento inicial e épico, ainda em plena ditadura, quando familiares, amigos, advogados e ativistas de DH investigaram e denunciaram os crimes de torturas, assassinatos e desaparecimentos, praticados nos DOI-Codis e centros clandestinos da repressão. Houve mães que pagaram com a vida pelo seu gesto corajoso de não aceitar o silêncio e o imobilismo, como o caso emblemático de Zuzu Angel, morta em 1976 por denunciar o desaparecimento de seu filho, Stuart Edgar Angel Jones (1946-1971) e ter tido a vontade de dar um sepultamento ao seu corpo.” (BRASIL, 2017, p. 339).

também andou mexendo os pauzinhos lá nos esteites. (KUCINSKI, 2016, p. 67-68)

VI

Mineirinho, o pacote despachado pelo Rocha lá de Lisboa foi entregue. O Lima checou nos correios. O velho deve estar tonto. Agora vamos dar o arremate. Você liga para o nosso cara do Bom Retiro, o da galeria, e diga pra ele que a menina vai chegar de Portugal amanhã num voo da TAP, em Guarulhos. O Lima já checou que amanhã tem voo da TAP. É para foder mesmo com o velho; tô começando a pegar raiva desse judeu de merda. Esse velho ainda pode nos complicar. Deixa ele ir lá, ficar vendo todo mundo sair, um por um, devagarzinho, e filha nada. Vamos quebrar a espinha desse velho. Vamos dar uma canseira nele, uma canseira de matar, até ele ter um infarto, filho da puta. (KUCINSKI, 2016, p. 68).

Por meio do material linguístico que revela o comportamento do narrador, aos poucos, vai se formando um *ethos* psicológico de um “sádico”, com um caráter distante da preocupação ética com o “bem comum”, evidenciado pela demonstração de prazer pelas violências perpetradas ³(“*Sabe de uma coisa, Mineirinho, foi uma puta ideia essa que eu tive.*” / “*Vamos quebrar a espinha desse velho. Vamos dar uma canseira nele, uma canseira de matar, até ele ter um infarto, filho da puta.*”); é, então, o momento em que o enunciatário tem acesso à informação da morte da filha de “K” (“[...] *é porque não quer aceitar que a filha já era.*”).

O tom nervoso da enunciação continua sendo marcado por xingamentos (“*Esse velho vai ficar doidão de novo. Filho da puta.*”) e por um desejo de vingança e de realização de novas violências (“*Se não tivessem mandado parar tudo eu matava um desses velhos só pros outros pararem de encher o saco. Matava ele ou aquela grã-fina filha da puta da Zuzu que também andou mexendo os pauzinhos lá nos esteites*⁴”), além da presença de um perfil estrategista maquiavélico na

3. Aqui cabe destacar o recurso da construção literária no delineamento do *ethos* da personagem homônima “Sérgio Paranhos Fleury”, por meio de uma linguagem representativa da violência. Rita Olivieri-Godet (2020, [n.p.]) aponta que “Em contextos extremamente hierarquizados como o da colonização ou da ditadura militar, a representação brutal da violência pede um registro de linguagem igualmente violento, que expõe o cinismo, o sadismo e a vulgaridade dos representantes do poder.” Vale registrar que esse comportamento enunciativo identificado no romance K – Relato de uma Busca, de dar “voz” às personagens perpetradoras da violência, tem sido empregado em outras ficções recentes relacionadas à Ditadura Civil-Militar (1964-1985).

4. Não é gratuito o envolvimento da personagem “Fogaça” na trama narrativa do capítulo em análise. “Além do método de sequestro e tortura de suspeitos [...], o CIE [Centro de Informações do Exército] também adotou a tática

criação de sofrimento, indicada na trama elaborada para enganar “K” (“*Mineirinho, você viu como deu certo o lance com o Fogaça? Só que não é nada do que você está pensando, Mineirinho. O velho não veio porque acreditou, Mineirinho. Esse velho é esperto. Ele veio porque tinha que vir. Ele tinha que vir, entendeu? Mineirinho, aí é que está o truque, a psicologia.*”). Na trilha do texto, a corporificação do *ethos* é cada vez mais encarnada aos olhos do enunciatário, como depreendemos das reflexões de Maingueneau (2006, p. 278, destaques do autor):

O *ethos* constitui, assim, um articulador de grande polivalência. Recusa toda separação entre o texto e o corpo, mas também entre o mundo representado e a enunciação que o traz: a qualidade do *ethos* remete a um fiador que, através desse *ethos*, proporciona a si mesmo uma identidade em correlação direta com o mundo que lhe cabe fazer surgir.

Habilmente trabalhado pelo autor, o desvelamento do *ethos* da personagem Sérgio Paranhos Fleury ocorre por meio do discurso, na enunciação⁵. Dando voz ao narrador-personagem, através do foco narrativo em primeira pessoa, estrategicamente, delega-se ao protagonista sua “própria” construção, o que acaba por tecer, diante do leitor-destinatário, através do “dizer”, o perfil psicológico de uma figura emblemática na cena enunciativa de *K – Relato de uma Busca*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caráter dialógico do discurso literário possibilita que ele funcione como uma caixa de ressonância dos discursos sociais, podendo desvelar as múltiplas formas de exercício do poder ao incorporar os discursos dos representantes do poder militar e de seus torturadores.

Rita Olivieri-Godet (2020, [n.p.])

A cena da enunciação do capítulo “A Abertura”, do romance *K – Relato de Uma Busca*, de Bernardo Kucinski, constrói-se a partir do discurso direto em primeira pessoa. Na cena, conforme o discurso se

de infiltrar, no interior das organizações,

agentes do próprio Exército e militantes políticos ‘convertidos’ a colaboradores, conhecidos como ‘cachorros.’” (BRASIL, 2017, p. 79).

5. Não entraremos “aqui” na problematização da autoria, a relação com o autor-pessoa com o autor-criador (BAKHTIN, Mikhail.; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. *O discurso na vida e o discurso na arte. Sobre poética sociológica*, 1926. Tradução de Carlos Alberto Faraco & Cristovão Tezza. Disponível em: <http://www.uesb.br/ppgcel/Discurso-Na-Vida-Discurso-Na-Arte.pdf>).

articula, o *logos* corporifica o *ethos* da personagem Sérgio Paranhos Fleury, desenhando um perfil psicológico aos olhos do leitor. Assim, ficção e realidade se interpenetram, revelando o mundo de graves violações de Direitos Humanos perpetradas pela Ditadura Civil-Militar (1964-1985) e a atuação do “homem” Sérgio Paranhos Fleury à frente dos órgãos de repressão, como notável torturador e articulador político dos porões da Caserna. Como representação estética da romancística, o perfil da personagem evidenciado na ficção de Bernardo Kucinski dialoga com o perfil do homem histórico Sérgio Paranhos Fleury, o que é revelado por fontes históricas, como Souza (2001), Bicudo (2002), Godoy (2014) e Brasil (2014; 2017). Ainda que, para Maingueneau (2006), o saber “extradiscursivo” seja secundário, este se relaciona com a própria estruturação do discurso, em razão das axiologias envolvidas na “arena de vozes”, conforme a orientação de Bakhtin e Voloshinov (2006).

De alguma forma é pertinente observar que o *ethos* da personagem nominada e o “mundo” por ela “representado”, por extensão, revelam o *ethos* do próprio comportamento do Estado Brasileiro à época, ou seja, do Estado como agente de terrorismo simbólico, físico e psicológico.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail.; VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. **O discurso na vida e o discurso na arte. Sobre poética sociológica**, 1926. Tradução de Carlos Alberto Faraco & Cristovão Tezza. Disponível em: <http://www.uesb.br/ppgcel/Discurso-Na-Vida-Discurso-Na-Arte.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2021.

BAKHTIN, Mikhail.; VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. Tradução de Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.

BICUDO, Hélio Pereira. **Meu depoimento sobre o Esquadrão da Morte**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BRASIL. **Mortos e desaparecidos políticos**. v. 3. Brasília: Comissão Nacional da Verdade (CNV), 2014.

BRASIL. **Crimes da ditadura militar**. Brasília: Ministério Público Federal, 2017.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura e resistência no Brasil hoje**. In: OLIVEIRA, Regina Pivetta de; THOMAZ, Paulo César (Org.). **Literatura e ditadura**. 1. ed. Porto Alegre: Zouk, 2020. p. 17-30.

FIGUEIREDO, Eurídice. **A literatura como arquivo da ditadura brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

- GASPARI, Élio. **A ditadura encurralada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- GINZBURG, Jaime. **Crítica em tempos de violência**. São Paulo: EDUSP, 2012.
- GODOY, Marcelo de. **A casa da vovó**. 2. ed. São Paulo: Alameda, 2014.
- GUERRA, Cláudio. **Memórias de uma guerra suja**. Rio de Janeiro: TopBooks, 2012
- KUCINSKI, Bernardo. A abertura. In: KUCINSKI, Bernardo. **K – Relato de uma busca**. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 65-72.
- MAINGUENEAU, Dominique. **O ethos**. In: MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 266-290.
- MANSO, Bruno Paes. **A república das milícias: dos esquadrões da morte à era Bolsonaro**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2020.
- MAZIÉRE, Francine. **A análise do discurso – histórias e práticas**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- NAPOLITANO, Marcos. Desafios para a história nas encruzilhadas da memória: entre traumas e tabus. **História: Questões e Debates**, Curitiba, v. 68, n. 01, p. 18-56, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/67794>. Acesso em: 20 mar. 2021.
- OLIVEIRA, Regina Pivetta de; THOMAZ, Paulo César (Org.). **Literatura e ditadura**. 1. ed. Porto Alegre: Zouk, 2020.
- OLIVIERI-GODET, Rita. **Literatura e ditadura**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CPbPnrhHEqk&t=258s>. Acesso em: 12 jun. 2021.
- POUND, Ezra. **ABC da literatura**. Tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2006.
- ROSA, Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- RUSSO, Vincenzo. **Literatura e ditadura**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DzgC3gsfZjg&t=55s>. Acesso em: 20 maio 2021.
- SELINGMANN-SILVA, Márcio. Imagens precárias: inscrições tênues de violência ditatorial no Brasil. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. [online]. 2014, n. 43, p. 13-34. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/elbc/n43/02.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2021.
- SELINGMANN-SILVA, Márcio. **Do revisionismo ao negacionismo: pensando uma historiografia crítica**. [17 dez. 2019]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VNRI6bD904k&t=1757s>. Acesso em: 15 jun. 2021.
- SOUZA, Percival de. **Autopsia do medo - vida e morte do delegado Sergio Paranhos Fleury**. Rio de Janeiro: Globo, 2001.

SCHWARZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir (Org.). **O que resta da ditadura**. São Paulo: Boitempo, 2010.

RECEBIDO EM: 23/08/2021

ACEITE: 04/10/2021